

Região e regionalização da mídia: Encontros com o pensamento geocomunicacional de Milton Santos

Region and regionalization media: Encounters with the geocomunicational thought of Milton Santos

Paulo Celso Silva¹

Resumo: Este artigo propõe o diálogo entre a geografia e a comunicação para o tratamento dos conceitos de região e regionalização, bastante tradicionais na primeira área do conhecimento. Analisaremos o papel da comunicação na formação de uma região partindo de dois textos clássicos que completam 60 anos, pertencentes ao pensamento regional de Milton Santos, mas que ainda indicam possibilidades de reflexão acerca da realidade latino-americana, preocupação constante do geógrafo. Milton Santos foi um intelectual brasileiro que participou do movimento de renovação e crítica das ciências sociais e humanas, ao propor que as análises das realidades latino americanas, devem ter como ponto de partida o próprio continente e não da importação de teorias europeias que expliquem de maneira standard o mundo.

Palavras-chave: Mídia. Região. Regionalização. Milton Santos. América Latina.

Abstract: This paper proposes a dialogue between geography and communication for the treatment of the concepts of region and regionalization fairly traditional in the first area of knowledge. Analyze the role of communication in the formation of a region starting from two classic texts that complete 60 years, belonging to regional thinking of Milton Santos, but still indicate possibilities for reflection on the Latin American reality, constant concern of the geographer. Milton Santos was a Brazilian intellectual who participated in the movement for renewal and critique of social and humanities, sciences to propose that the analysis of the Latin American realities, must have as its starting point the container itself and not the importation of European theories that explain the way standard the world.

Keywords: Media. Region. Regionalization. Milton Santos. Latin America.

Introdução

Em 1949... comecei a colaborar em caráter efetivo na "A tarde" jornal de Salvador, assinando a crônica "Bilhetes de Ilhéus". Desde 1951 colaboro, em caráter efetivo, no Diário da Tarde de Ilhéus onde me responsabilizo pela secção opinativa do jornal. Sou, também, advogado militante em Ilhéus

Milton Santos

¹ Universidade de Sorocaba. E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br.

No ano de 1953, visando participar de um concurso para livre docente na Universidade Federal da Bahia, Milton Santos inscreveu-se com a tese “Os Estudos Regionais e o futuro da Geografia” onde analisava desde o objeto da geografia até a importância do conceito de totalidade para a compreensão da dinâmica regional.

Na mesma linha temática, apresentou o texto “Classificação funcional dos jornais brasileiros - as regiões jornalísticas” no IV Congresso Nacional de Jornalistas, de Belo Horizonte, em setembro de 1955 que posteriormente foi publicado no Boletim da ABI, da Associação Bahiana de Imprensa, ano V, n. 55, em 10 de março de 1956. Neste texto propõe uma hierarquia para a regionalização da mídia, de alcance local ao internacional tendo como objeto os jornais brasileiros daquele período.

Ainda que os textos versem sobre a metade do século XX, parece-nos oportuna sua utilização como instrumento de reflexão, apresentando e atualizando as teorias propostas pelo autor e, ao mesmo tempo, homenageando os 60 anos das obras citadas e, evidentemente, seu autor. Nessa atualização cabe repensar os conceitos tendo como base o recorte Geocomunicacional que compreende o geográfico para além da localização em si-mesma, mas abarcando a dinâmica espacial, a noção de espaço que possibilita compreender a região como um recorte espacial e, com isso, os papéis desempenhados pelas mídias.

No que tange às mídias, elas podem ser compreendidas pelo seu papel tanto como objetos quanto como ações que, em conjunto, indissociáveis, definem o espaço geográfico, o espaço de todos, conforme indica Santos (1996, p. 11-13).

Esse diálogo temporal entre as obras do autor ajuda a refletir as transformações processadas no entendimento do próprio Brasil, nos anos 1950 buscando a modernização industrial, afirmação no capitalismo internacional e, no final do século XX, assumindo a globalização, com as possibilidades existentes e uma regionalização do capital, da cultura, da informação, entre outros setores da vida cotidiana, bastante diferenciados. Assim, os tempos são

diferentes para diferentes espaços e as velocidades regionais trazem papéis distintos ao processo de globalização.

A obra de Milton Santos, sobre os estudos regionais, apresentava uma preocupação geográfica do Brasil que iniciava os primeiros anos da década de 1950 buscando uma modernização industrial e urbana, ainda em potência, mesmo para áreas mais desenvolvidas como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Contudo, para tal compreensão da realidade nacional, a proposta teórica era a desenvolvida por pensadores franceses. Cunhado pelo historiador Lucien Febvre, o termo possibilismo (1991, p. 564) servia para diferenciar e rivalizar a escola francesa, na qual seu expoente máximo era, então, Vidal de Blache; da escola alemã que propunha, por meio das elaborações do geógrafo Friedrich Ratzel, que o meio natural determinava o homem e o espaço precisava ser organizado como garantia de vida, isso implicava aceitar um determinismo geográfico e um espaço vital. Politicamente, o conceito de determinismo geográfico justificava, pela ciência, as práticas da superioridade racial de um povo sobre outro e o segundo, espaço vital, a busca de maiores recursos que garantissem a vida, ou seja, o expansionismo. Coube ao determinismo geográfico legitimar as ações, de expansão e anexação, no final do século XIX, quando da unificação alemã (Ratzel, 1914).

Os seguidores de Ratzel chegaram a postular que, quanto maior o desafio imposto pelas condições naturais a um grupo, mais desenvolvido seria o desenvolvimento dele, pois o homem é um produto do meio. Isso explicaria - e justificaria - a invasão e colonização pelos países europeus adiantados (dado o inverno rigoroso), nos países tropicais atrasados (considerados indolentes e preguiçosos devido ao clima quente).

O que ficou conhecido por possibilismo geográfico, foi a teoria elaborada por Vidal de la Blache que postulava a influência do meio natural sobre os homens, mas indicava que eles tinham possibilidade de utilizá-la como recurso, nela estando as condições de melhoria da vida humana, sendo o homem o principal agente geográfico. Assim, propõe o conceito de gênero de vida, mostrando que o homem não está determinado e preso às condições naturais,

mas possui um cabedal técnico-científico considerável, além de instituições e práticas sociais que tornam os grupos sociais aptos a utilizarem os recursos naturais existentes (La Blache, 1911, p. 19)

Dessa forma, os estudos regionais são entendidos como essenciais para comparar e compreender os critérios de semelhanças e diferenças entre os lugares através de um método descritivo das regiões do planeta. Entre os pilares dessa epistemologia da geografia regional estão Vidal de La Blache e Richard Hartshorne, o primeiro, com base no positivismo de Augusto Comte, que traz o cientificismo baseado nas ciências naturais, a neutralidade dos estudos e o historicismo que criticava os conceitos de Hegel (ideia, razão e espírito) e a história universal como resultado das relações entre culturas e individualidades (Capel, 1981, p. 268-273). Já o segundo, Richard Hartshorne, baseado no Neokantismo de Wilhelm Windelband criticava tais posicionamentos e retomava Kant na sua proposta de uma história a partir da relação lógico-formal, “num tratamento teórico da história, na medida em que esta se encontrava submetida à exigência de rigor do método científico; caberia a Windelband, portanto, realizar nas ciências humanas a tarefa que Kant havia executado com a matemática e as ciências naturais” (Wu, 2010, p. 175).

Os Estudos Regionais e o futuro da Geografia

De posse disso, o livro de Milton Santos, que pretende indicar um futuro para a geografia por meio dos estudos regionais, parte para o entendimento da própria geografia como uma ciência autônoma e não um mero “ponto de vista” ou “uma maneira de ver as coisas”, como Santos indica que Delgado de Carvalho assim a entendia. Nessa defesa do conhecimento geográfico, o autor vai afirmar a complexidade dos estudos dessa ciência e sua preocupação com o todo: “o fato geográfico é uma síntese e seu estudo tem, por força, que ser um estudo analítico, onde se buscam reconhecer as relações recíprocas, de causa e efeito ou de simples interdependência, mantidas mutualmente pelos elementos de um precipitado” ou, citando Pierre Gourou, “é no estudo das relações que se observa a originalidade da Geografia” (Santos, 1956, p. 18-20).

O capítulo II do livro é intitulado “O papel da Geografia Regional”. Vale citar que, na busca de conceitos e categorias que possibilitem dar conta do real, o geógrafo entende que, a definição de complexo, no lugar de conexão ou combinação, era mais apropriada para o tratamento de seus temas e objetos, visto não abarcar a economia e ser muito rígida. Ainda com as bases francesas da Geografia, (Santos, 1953, p. 26) indica, que, apesar das condições naturais, era necessário considerar a posição, facilidades de comunicação e um conjunto maior de causas para determinar a vantagem, ou não, da região, como sugeria Gallois (1908, p. 223).

O próprio Santos vai reafirmar a importância da técnica desenvolvida naquele período como facilitadora da transformação das condições impostas pela natureza. Por isso as organizações humanas são tão distintas e produzem, reproduzem e valorizam diferentemente o espaço disponível. Dessa forma, cabe a geografia estudar como os grupos e suas organizações regionais marcam o planeta Terra. E conclui (Santos, 1953, p. 32):

É essa realidade que se deve, principalmente, dirigir o estudo geográfico. Operação de análise a investigação geográfica tende a verificar a síntese, que é o fato geográfico, quais são os seus componentes e como entram em combinação. É a geografia regional que se incube dessa análise, em um determinado espaço, “in concreto” e de maneira global”... A geografia Regional nos parece, pois, como a cúpula de todo estudo geográfico, geografia sem adjetivos, geografia “tout court”... O futuro da geografia, parece-nos ocioso dizer, está, sem dúvida, no progresso dos estudos regionais.

Posto o futuro da geografia, coube, ao capítulo seguinte, a demonstração da “Evolução do Conceito de Região”, ao que Santos divide em Regiões Naturais e Humanas definindo a primeira como aquela onde os componentes físicos são mais valorados e combinam entre si, daí a possibilidade de separar o Brasil, por exemplo, nas cinco regiões, conforme fez o IBGE em 1941. Já relações mais complexas, recíprocas, dependentes e influenciando-se mutuamente nos territórios, são conceituadas de Regiões Humanas.

De posse das definições e conceitos, cabe ao geógrafo apresentar os problemas que os estudos regionais podem ocorrer. Os chamados quadros pré-estabelecidos são o principal dos problemas, pois, levam o pesquisador a

buscar coincidências entre regiões e estas, como é sabido, não existem. Tais quadros também podem implicar não em regiões, mas em divisões que mascaram a realidade geográfica, a realidade integral. O caminho inverso é aceitável, ou seja, primeiro estudar o espaço e, posteriormente, dividi-lo. Porém região não é um dado estanque e pacífico, ao contrário, o dinamismo não permite que seja definido *ad eternum*, cabendo sempre reconsiderar suas bordas e fronteiras.

O caráter prático da regionalização tem sua relação com o apreender/aprender um espaço, assim, um caráter didático. Mas, também, de planejamento governamental e, posteriormente, empresarial e comunicacional, o que autoriza ao geógrafo um esforço de limitar e fixar as regiões e seus limites linearmente.

Classificação funcional dos jornais brasileiros - As regiões jornalísticas

Qual foi a sua primeira posição política?
Foi a de redator principal do jornal

Milton Santos

O artigo que leva o título é apresentado por Milton Santos em um congresso nacional de jornalistas procura mostrar e responder, através de estudo empírico, primeiramente as escalas dos jornais brasileiros do meio do século XX e os desafios que se mostram aos pesquisadores, ao considerar a regionalização como um processo sempre incompleto.

Iniciando com um contexto dos primórdios da produção e consumo dos jornais, já aponta para dados importantes, seja para a circulação com os meios de transporte – e comunicação, evidentemente – que se faziam através de rotas nem sempre fáceis de percorrer até, senão democratização, ao menos ampliação de leitores com a diminuição do analfabetismo e seus jornais tinham uma abrangência e profundidade reduzidas, já que abarcavam porções menores dos territórios, conformando regiões igualmente reduzidas.

O desenvolvimento da técnica e das tecnologias trouxe também jornais em escalas mais abrangentes, nacionais e internacionais, por exemplo, e Santos sugere, para suas análises, que se faça uma distinção “necessária entre a notícia e o jornal. Aquela tem asas: transmite-se pelo jornal, mas também pelo fio, ou sem ele, pelo éter. Não tem outra limitação que a das diferenças de língua. Os jornais, porém, encontram resistências na sua expansão” (Santos, 1955, p. 1).

O autor assinala a limitação do jornal e a dinâmica da notícia, afirmando as várias possibilidades de sua disseminação no mundo moderno com a garantia da “instantaneidade” de um ponto a outro do planeta, apenas sendo ajustada sua tradução e momento de ir ao grande público. Já o jornal é mais limitado, inclusive no tempo, visto ser editado com prazo de 24 horas entre um e outro, tendo obrigação de chegar aos leitores de uma região diariamente ou perderá seu público-alvo para o concorrente que assim o fizer.

Decorre dessa característica a própria definição de região jornalística, a saber: se o “domínio da notícia é o mundo. Enquanto que o jornal tem o seu domínio limitado, atuando numa determinada área” (Santos, 1955, p. 2). Aqui as vias físicas, de transporte terrestre e comunicação, concorrem para o sucesso ou fracasso dos jornais de caráter nacional que podem ou não chegar aos destinos mais interioranos no mesmo dia. Na falta dessas vias terrestres, o custo do jornal enviado através do avião encarece demasiadamente o preço final e o “envelhecimento das notícias”. Para os jornais estrangeiros vendidos no território nacional, sobretudo nas grandes capitais, as datas atrasadas podem não ser fatores da compra ou não, as notícias e curiosidades são fatores de atração dos leitores.

O autor faz uma afirmação sobre o consumo em geral e o consumo diário das notícias e jornais, que ainda caberia hoje aos portais e jornais eletrônicos quando diz que:

O homem urbano do século XX, talvez porque ensinado pela propaganda, não gosta de variar. Acostumou-se ao produto standard. É uma das taras de nossa época... Ainda no que se refere a jornais o axioma é verídico. E não há como manter-se em circulação um jornal que chegue dias sim, dias não a determinada cidade. Seu destino é deixar de ter leitores, que

logo procurarão substituí-lo por outro, que diariamente esteja à sua mão e atenda à trepidação, à urgência dos dias modernos (Santos, 1955, p. 2).

Com essa constatação, pode-se configurar como os jornais estão formam e são distribuídos em regiões e zonas e subzonas jornalísticas. Algumas maiores, outras menores, como o próprio Santos refletia anteriormente, com os quadros pré-estabelecidos ou divisões que mascaram a realidade geográfica. Estas três escalas do fazer jornalístico citadas, são heterogêneas, muitas vezes intersectadas ou imbricadas umas com as outras.

Assim entendido, é possível partir para uma “classificação funcional dos jornais brasileiros” iniciando com os jornais nacionais que, dado ao fato de, na década de 1950, muitas cidades não contarem com aeroportos, os jornais da capital da República, então o Rio de Janeiro, dificilmente circulariam no interior. “O seu maior interesse, fora da metrópole, reside na política nacional ou na política econômica do país” (Santos, 1955, p. 2).

Por outro lado, os diários provenientes das capitais estaduais e regionais tem durabilidade maior e tratam de temas de interesse geral e da política estadual que atrai maior número de leitores, ainda que estes leitores não o consumam quando já passados vários dias de sua publicação. Podem também atingir capitais de outros estados.

Para a escala local, os jornais podem ser semanais ou diários, registrando fatos e acontecimentos da vida imediata das cidades, municípios que circunscrevem uma região de atuação, ocupando boa parte das edições. Interesses e recursos econômicos e financeiros podem criar uma “vontade regional” e surge o diário da região. O volume aplicado nessa “vontade” vai determinar se será diário, semana ou mensal ou mesmo se deve existir essa fonte de informação na região.

Mais uma vez, no esforço de compreensão da realidade brasileira:

Distinguiríamos, assim, então, num país como o nosso, em que a descontinuidade de transporte e a vastidão do território são um fato, pelo menos quatro categorias de jornais. O jornal nacional, ou supra-estadual, publicado na metrópole política ou mesmo econômica; o jornal estadual, editado via de regra na capital dos

estados, centro das pulsações do organismo político e administrativo; o jornal regional; e o periódico local. Essas categorias são, na ordem decrescente, de jornais cada vez menos políticos, no sentido mais amplo de expressão, e cada vez mais interessados pelos problemas locais. Subindo na escala, verifica-se que cada categoria de jornal exerce uma função específica, dentro de determinada área, função que não pode ser preenchida por jornal de categoria superior (Santos, 1955, p. 3).

Vale ressaltar que o critério para classificar os jornais não está baseado na localização, o fato de estar na capital federal não lhe confere o status de jornal nacional, muitos são estaduais e, até mesmo locais, atendendo às demandas noticiosas do distrito federal. Da mesma forma, outros podem ser nacionais e saírem de um estado, como acontece com alguns jornais paulistas que conseguem abrangência nacional em suas editorias, atraindo o interesse dos leitores de todo o país.

A conclusão desta apresentação remete a cinco itens onde destacamos a última que afirma:

O jornal de determinada categoria funcional não exerce concorrência sobre outro de categoria diferente uma vez que circulam paralelamente e cada qual com a sua missão específica. A concorrência se estabelece apenas entre jornais de igual categoria, ante a luta de um contra o outro pela conquista de uma área de expansão (Santos, 1955, p. 4).

Região e Regionalização da Mídia

Nos dois textos apresentados, mesmo depois de mais de 60 anos da publicação, e das grandes transformações por que passou a comunicação (enquanto área do conhecimento) e toda a sociedade mundial, ainda temos subsídios para uma reflexão sobre os desafios da regionalização da comunicação, em tempos de internet e redes, quando, utilizando a proposta de Santos, a notícia continua fluida e percorrendo rapidamente os vários suportes e os meios mais limitados.

Vale ressaltar que, Milton Santos é bacharel em direito (1948) e geógrafo por escolha de carreira acadêmica e, mesmo considerando uma suposta

interdisciplinaridade, a verdade é que, quando apresenta seu paper no Congresso em Belo Horizonte, ele era um jornalista por profissão (1952 – 1964), tendo publicado 112 artigos no Jornal da Tarde, Ilhéus, Bahia (Silva; Silva, 2004, p. 10).

Dessa forma, aproveitou a sua “tripla formação” para oferecer um estudo diferenciado aos jornalistas do evento trazendo, como contribuição, um estudo da regionalização que avança a mera localização e propõe que relações econômica, políticas e particularidades sejam componentes importantes para as análises.

Retomando o texto sobre o futuro da geografia, apesar do foco centrar, em grande parte, no empírico, oferece indícios para futuros estudos relacionando, por exemplo, comunicação-território, lugar e mídia (Serpa, 2011), comunicação e paisagem (Nogueira Font; San Eugenio, 2009), demonstrando, mesmo de maneira panorâmica, que os estudos comunicacionais necessitavam de uma abrangência teórica, além dos conceitos chaves utilizados.

Em texto anterior (Silva, 2012, p. 111) utilizamos uma tabela que mescla as teorias da geografia e as teorias da comunicação, na qual incluímos os diferentes períodos da produção teórica de Santos visando demonstrar como, em cada período sua produção vai tornando-se representativa para a área da comunicação.

Tabela 1

Época	Teoria da geografia	Teoria da Comunicação	Conceitos predominantes e compartilhados	Milton Santos
1940-1960	Geografia Teórico-quantitativa ou <i>New Geography</i>	Perspectiva funcionalista da comunicação	Paradigma quantitativo e positivista	período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965 produção jornalística na Bahia

Décadas de 1960 e 1970	Geografia Radical	Perspectiva crítica da comunicação	Ruptura com as etapas positivistas anteriores, Interesse por metodologias compreensivas da realidade	período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978
Décadas de 1960 e 1970	Geografia da Percepção e do comportamento ambiental	Perspectiva interpretativa da comunicação: construtivismo, Escola de Palo Alto, interacionismo simbólico	Processos de construção de significados por parte da sociedade	período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978
A partir de 1978 – 1979	Geografia Humanística	Perspectiva interpretativa da comunicação: continuidade e das sociologias interpretativas	Busca da dimensão simbólica. Estudo dos processos de vivência experimental	período da geografia crítica: 1ª fase – a questão do espaço – 1978 – 1986
Finais da década de 1980 até 2002	Pós modernismo em geografia	Perspectiva interpretativa da comunicação	Resultado insustentável qualquer pretensão de saber uma realidade objetiva (Paul Watzlawick, 1986). Decaída	2ª fase: o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000 e 3ª fase – O território usado, de 2000 a 2002 produção jornalística em São Paulo

			das verdades absolutas. Posicionam entos ecléticos e Efêmeros.	
--	--	--	--	--

Fonte: Adaptada de Nogué Font e San Eugenio, 2009, p. 41.

Desse quadro é possível a divisão metodológica da obra de Santos em:

- Período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965;
- Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978;
- Período da geografia crítica, que podemos dividir em:
 - 1. fase – a questão do espaço – 1978 – 1986;
 - 2. fase - o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000;
 - 3. fase – o território usado – 2000 e 2001.

De certa forma, Milton Santos e Harold Innis, pesquisando e teorizando em paralelo, um na América do Norte e o outro entre América Latina – Europa, ampliaram os estudos sobre o espaço, enquanto categoria central do entendimento da sociedade, e as implicações de seus subespaços – região, lugar. Estes não possuem vida própria e, como vemos em muitos estudos na área da comunicação, meras abstrações, quando estudadas a parte da totalidade maior.

Outro equívoco que a leitura de Santos auxilia reconhecer, e detectar nos estudos da área de comunicação, é a consideração do lugar como menor que a região, como se a questão fosse apenas de extensão ou tamanho e não das relações, para utilizar os dois recortes feitos na obra, entre Região Natural e Região Humana e todas as variantes que apresentam para cada porção do planeta.

Pensar a regionalização da mídia traz, de saída, o desafio de definir os dois conceitos para a realidade que se estuda. No caso da mídia local/regional, esta mantém uma relação, ora de aproximação e ora de distanciamento, com as mídias de maior vulto nacionais e internacionais. Santos (1996, p. 195) definirá,

posteriormente, o movimento político, econômico, midiático local como horizontalidades e aqueles movimentos alheios ao local, como verticalidades.

Assim entendidos, podemos aceitar que a regionalização da mídia é a relação de horizontalidades e verticalidades que os meios mantêm com a região, estando ou não presentes fisicamente neles. Isso vai implicar aceitar, ao mesmo tempo, as regiões naturais e humanas e sua empiricidade e uma reorganização espaço-midiático baseada em redes, pontos, nós e manchas nos territórios, todas inter-relacionadas e interdependentes, graças ao processo maior da globalização que afeta, de alguma forma, os territórios, ainda que as particularidades sejam mantidas, determinando a posição desse território no processo global.

Santos afirma em entrevista que "Mídia, antes de ser comunicação é espaço" (Santos, 2007, p. 74) quando dialoga com Debray, para quem seria necessário criar uma nova disciplina chamada Midiologia, para estudar a relação entre geografia e comunicação. Analisando tal afirmação para a questão da Região (entendida como um subespaço) e a regionalização da mídia (entendida como processo material de produção e reprodução, muito além da mera localização), teríamos assim um quadro amplo de regionalizações, ou seja, a percepção da região ligada à velocidade com que os objetos, mensagens e ações comporiam, com os demais fatores e atores, certas particularidades independentes da localização.

Santos sempre foi contrário aos exemplos, pois afirmava em suas aulas na Universidade de São Paulo, que eles "amputavam a teoria e as pessoas tendiam a esquecer do debate teórico e se concentravam no exemplo", contudo, cabe aqui um esforço de imaginação para ver o leitor de um jornal local, portanto com abrangência restrita e conteúdo cotidiano, lendo, a muitos quilômetros de distância, pela internet as notícias daquela localidade e comentando algumas delas. Este poderia ser um exemplo, tanto da abrangência como de uma reconfiguração e regionalização da mídia que não leva em consideração apenas localização. É outra percepção do espaço pela velocidade, reconfigurando o subespaço. Completando teríamos que

Antes havia a contemporaneidade, mas nós não participávamos... essa nova situação muda a definição dos lugares: o lugar está em todo lugar, está dissolvido no mundo inteiro, graças a televisão, graças a instantaneidade. Temos ainda o satélite, que nos dá o movimento da Terra. É como se fizéssemos cinema; acompanhamos a Terra, o mundo... A totalidade se tornou empírica, não é uma criação do nosso pensamento (Santos, 2007, p. 75).

Acrescentamos nessa constatação e análise, também a região como partícipe da contemporaneidade midiática que nos envolve. Talvez fosse o caso de iniciar estudos que completassem o quadro das análises regionais, ainda que tradicionais, da Região Natural, Região Humana e agora, também Região Midiática, como um recorte necessário para compreender a totalidade proposta por Santos.

O aspecto a ser considerado nos estudos de Santos sempre foi a preocupação com o social, refazer, rever repropor conceitos compreendendo que a geografia é uma ciência social e humana.

Neste ponto, a dualidade é, de um lado, a geografia, enquanto ciência voltada à sociedade; e de outro, o lado a comunicação, sua importância, mas tendenciosidade, quando analisada pelo aspecto dos grandes conglomerados. É este o cerne principal do interesse nas propostas de Milton Santos, de uma geografia sempre em renovação, que inclua um novo olhar geocomunicacional. À geografia atribui-se – não unicamente, mas, em grande medida – a responsabilidade de colocar sob sua alçada – se, e enquanto ciência social e humana – toda a problemática da força dos meios comunicacionais como mobilizadores sociais e formadores de opinião, como também sua relação com as questões político-econômicas.

Sobre a importância de Santos para os estudos multidisciplinares, Silveira (2007), que foi aluna e co-autora do último livro lançado por Santos em 2001, entrevistada pela Revista Expressões Geográficas demonstrava a abrangência da obra e a importância em voltar para estudos anteriores, como os que aqui propusemos:

EG – Dentro dessa operacionalização, a Professora percebe que setores da sociedade que têm se debruçado mais sobre essa difusão e essa operacionalização das obras do Professor Milton Santos?

ML – Acho que além de nós geógrafos, também a mídia tem um papel. Evidentemente isto é também um risco porque pode deformar ou simplificar o pensamento. Mas quando o Professor Milton começa a escrever sistematicamente matérias para jornais de grande circulação, seu pensamento atingiu um novo patamar de divulgação. Ele mostrou que o Brasil podia ser entendido a partir do território. Então a ideia do território como o espaço banal, o território de todos os atores independentemente da sua força, entrou de alguma maneira no debate geral da Nação. Acho que isso foi importante. Creio que agora, mais recentemente, o filme do Silvio Tendler [Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá. 2006] também tem um papel significativo na difusão da obra.

Entretanto, temos que tomar um certo cuidado pois, como sempre que se trata de um grande pensador, não podemos perder a leitura de primeira mão, a leitura do próprio autor, porque quando uma teoria se difunde o risco é pegar leituras de segunda ou terceira mão. E, também, rapidamente aparecem os pretensos tradutores da obra dos grandes pensadores, então precisamos voltar às fontes. A obra dele é vasta e, portanto, alguns livros e artigos foram mais conhecidos que outros, o que é natural. Mas nós geógrafos não podemos perder de vista o conjunto da obra, não ficar só com um livro ou só com um artigo. Evidentemente que a coisas mais recentes que ele escreveu podem nos resultar mais inspiradoras, porque explicam nosso período, mas precisamos ver a obra inteira, porque cada texto buscou entender um momento histórico e tudo é igualmente inspirador.

As obras de Santos, assim como seu legado intelectual, ainda inspiram novos pesquisadores de áreas distintas, assim como da multiplicidade de sua temática.

Conclusão

Passadas tantas décadas desde o lançamento das duas obras aqui demonstradas, cabe-nos propor ao leitor, a leitura de outra obra de Santos que ainda é pouco explorada pela comunicação, e na qual estamos debruçados atualmente, visando os estudos do consumo, a saber, o “Espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos” (Santos, 1979), na qual, sem abandonar o conceito de região, amplia o debate para o entendimento do espaço no, então, terceiro mundo, demonstrando a diferença entre os atores que constroem esses espaços e os impactos da modernização trazida pelas tecnologias.

A América Latina será, assim, palco privilegiado para o desenvolvimento do modelo capitalista mundial, contudo, não integrando as diversas regiões, sejam naturais, humanas e (ou) midiáticas. Avançando mais o pensamento do autor, em 2001 ele irá demonstrar, através de seus estudos sobre a globalização,

que as empresas multi/transnacionais não têm responsabilidade moral com os territórios e regiões, ao que chamava de globalização perversa.

Partindo das duas obras de temática regional podemos perceber e indicar um ‘cerzir’ entre as várias etapas da produção intelectual desse pensador brasileiro. Os dois estudos apresentados auxiliam em trabalhos de campo, por exemplo, na verificação/constatação de que a localização e a região geográficas, onde estão estabelecidos os jornais, impactarão diretamente nas finanças e no cotidiano, pois “(...) o contexto geográfico e o contexto econômico, aliás, são reconhecidos pelos gestores como variáveis importantes para os negócios e também para o conteúdo das notícias” (Deolindo, 2015, p.62).

Viva a geografia! Assim Milton Santos, em 2000, terminou uma mesa redonda na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Como Carreras afirmou, Milton Santos” era um militante das ideias, mas, sobretudo foi um militante da Geografia” (2001) e, dessa militância ficou uma vasta obra que pode – e deve – ser apropriada por tantos que querem “ter a pesada tarefa de enfrentar o concreto” (Santos, 1979, p. 9).

O diálogo entre a comunicação e a geografia pode oferecer um outro modo de perceber e comunicar a realidade e, certamente, Milton Santos será uma referência.

Referências bibliográficas

CARRERAS, C.. Milton Santos o La geografia de l'emoció. Periódic Avui,16/07/2001, pág. 16.

DEOLINDO, J..O perfil da mídia do interior fluminense. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, vol.6, pp.53-70, 2015.

GALLOIS, L.. Regions Naturelles et Noms des Pays. Paris: Armand Collin, 1948.

INNIS, H.. O viés da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2011.

LA BLACHE, V. Les genres de vie dans la Géographie Humaine - premier article". Annales de Géographie, n. 111, ano XX, tomo 20, 1911.

MENEZES, M L. P. .A geografia de Delgado de Carvalho. Revista de Geografia - PPGEO - v. 2, n. 1, 2011 Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17901/9208> Acesso em 20 jul. 2023.

MILAN, B.. Pierre Gourou. A terra. Texto integrante do livro O século. Publicado como "O descompasso dos trópicos", Folha de S. Paulo, 31/05/1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs31059819.htm> Acesso em 15 jun.2023.

NOGUÉ FONT, J. y SAN EUGENIO, J.. Pensamiento geográfico versus teoría de la comunicación. Hacia un modelo de análisis comunicativo del paisaje. Doc. Anal. Geogr. 55, 2009, p. 27-55. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/171748/224066> Acesso em 15 jun.2023.

RATZEL, F.. Geografia dell'uomo: antropogeografia – Bocca, Torino 1914.

SÁEZ CAPEL, H.. Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1988

SANTOS. M.. Os estudos Regionais e o futuro da geografia. Salvador/BA: Imprensa Oficial do Estado, 1953.

SANTOS. M.. Classificação funcional dos jornais brasileiros - as regiões jornalísticas (1955). Noticiário da Rede ALCAR, ano 7, n. 83, 1. nov. 2007.

SANTOS, M.. Espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M.. A natureza do Espaço: Técnica Tempo Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M.. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade IN Milton Santos, Encontros. A arte da Entrevista. Organização Maria Angela P. Leite Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SERPA, A.. Lugar e Mídia. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, F. dos S da & SILVA, M. A.. Uma leitura de Milton Santos. Revista Geosul, vol. 19, n 37, 2004.

SILVA, P. C.. Análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e sua relação com a Comunicação IN MOREIRA, S. V. (org.). Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas. Coleção Grupos de Pesquisa / Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; v. 3. São Paulo: INTERCOM, 2012.

SILVEIRA, M. L.. Entrevista com a Professora Maria Laura Silveira, realizada em 02 de novembro de 2007 – Florianópolis. Disponível em: <https://files.cargocollective.com/584053/entrevista-maria-laura-silveira.pdf> Acesso em 20 mai. 2023.

TENDLER, S.. Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá. Rio de Janeiro: Caliban Produções, DVD (89 min), son., color, 2006.

WU, R.. Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. Revista Estudos Filosóficos nº 5 /2010. DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG, P. 174 – 186. Versão eletrônica. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> Acesso em 20 mai. 2023.